

Por enquanto, uma explosão de corrupção

Um exame profundo e minucioso do atual governo mostrará que, tirando a herança do Plano Real e suas consequências – estabilidade e redução da pobreza, ainda lenta – ficou tudo por fazer, desde as reformas, que eram urgentes já há oito anos e permanecem travadas, até o desafio de superar os enormes gargalos da infraestrutura.

Por trás de todos esses problemas, aliás, segue a velha questão da corrupção, que se soma à violência e à criminalidade de nas ruas. É espantoso como aumentam dia a dia as denúncias de irregularidades cometidas com a manipulação dos recursos federais por parte daqueles gestores públicos que deveriam ser os primeiros a zelar por eles.

Desde agentes da esfera federal até os bamabés municipais de confiança dos prefeitos, seus secretários e elementos da esfe-

ra estadual, autarquias e secretarias, há uma onda de denúncias que, de tantas, acabam se banalizando, como já ocorre com os acidentes de trânsito.

Devemos reconhecer que essa onda de notícias sobre má gestão e corrupção se deve em parte à maior transparência, à qualificação dos agentes públicos sérios, patriotas e profissionais e à liberdade de imprensa. É provável que muito disso que hoje denunciamos tenha ficado em

tempo pretérito apenas oculto por baixo de truques que ainda não haviam sido descobertos. Hoje, as fraudes vão sendo mapeadas, os furos calafetados e a informação circula com maior liberdade, apesar de todas as tentativas de calar a imprensa livre.

Segundo um levantamento feito a partir de dados do Tribunal de Contas da União, desde 2005 a soma das condenações e aplicações de multas feitas pelo TCU a esses maus gestores já alcança cerca de R\$ 3,5 bilhões. Mas isso não quer dizer

É espantoso como aumentam dia a dia as denúncias de irregularidades cometidas com a manipulação dos recursos federais por parte daqueles gestores públicos que deveriam ser os primeiros a zelar por eles.

que somente pelo fato de parar na malha tais valores foram recolhidos ou os males efetivamente feitos pelos malditos tenham sido castigados ou compensados. Os acusados recorrem de suas condenações e assim vão alongando ao máximo a defini-

ção de seus processos, promovendo com o dinheiro que desviaram atividades lucrativas para formar caixa e pagar as multas ao final de um processo em que venham efetivamente a perder.

Por um dever de justiça, devemos ver com bons olhos o fato de que apenas no primeiro trimestre de 2010 as punições pelo mau uso de recursos julgadas pelo TCU tenham somado R\$ 157 milhões, dando em uma projeção para o ano de ultrapassar a marca

do ano passado, que foi de R\$ 1,2 bilhão. É bom que o TCU esteja punindo. E o fato de mais condenações se acumularem não é tanto pelo fato de que a corrupção aumentou, embora não tenha cedido tanto como se esperaria, mas porque os mecanismos de

apuração estão mais eficientes, até por conta do desenvolvimento tecnológico.

Para que a corrupção venha realmente a ceder, entretanto, será preciso ir mais além. Espera-se que a próxima administração federal não se oculte atrás do “não sabia” ao se ver diante de esquemas de corrupção por baixo das próprias barbas.

Mais informação, melhor uso da tecnologia, transparência ascendente, legislação ampla, gestão enxuta e fiscalização eficiente é o que se deseja para que o cerco à corrupção, além de apunhar os golpes e fraudes mais grosseiros, também aperte o cerco ao crime do colarinho branco onde ele se manifesta, de modo a fazê-lo refluir. Por enquanto, os ratos estão sendo apunhados no rato. Mas o que se espera de uma gestão pública de qualidade, nesse caso, é uma boa desratização.

Marcas políticas: o que elas têm a nos ensinar?

eduardo przybylski

Em períodos eleitorais passamos a notar com mais frequência o gigantesco trabalho de marca e comunicação desenvolvido pelos partidos políticos. As siglas e símbolos de PT, PSDB, PMDB, PV, PSTU e tantas outras, ganham evidência e nos fazem refletir sobre seus conteúdos e comportamentos.

É válido notar que as cores e tipografias refletem fielmente a ideologia de cada partido, mostrando que no universo do design nada é aleatório, sem propósito. A marca de cada um vem carregada de conceitos e valores que são transmitidos aos eleitores de forma a angariar cada vez mais adeptos.

Em especial com as transformações ocorridas nos últimos tempos em relação à lei eleitoral - que cerceou e muito o uso de ferramentas de marketing promocional - as marcas tornaram-se o principal elo de comunicação entre partidos e eleitores. Elas são o chamariz do público para a exposição mais ampla de suas idéias - hoje disponíveis maciçamente na internet e nas chamadas mídias sociais.

Talvez o ponto mais interessante a ser notado no comportamento das marcas políticas é a maneira explícita em que são apresentadas e de-

fendidas suas ideologias. Basta acompanhar um debate informal entre militantes para notar a veemência com que as idéias são defendidas. Não é para menos que em alguns momentos percebemos ânimos exaltados e discussões acaloradas.

Esse comportamento se deve à maneira como as marcas se comportam,

mostrando de forma bastante objetiva o que as pessoas ganhariam ao serem partidárias dos mesmos ideais. Em outras palavras, o partido ou candidato que se elege é aquele que expôs as propostas, identificou os problemas e apontou solu-

ções mais próximas da realidade das pessoas.

Estes ensinamentos podem muito bem ser aplicados ao universo das marcas privadas. Identificar um nicho, um público, e dialogar com ele de modo claro e enfático parece a melhor maneira de desenvolver e oferecer exatamente o que ele precisa. Enxergar suas reais necessidades e propor algo dentro das suas expectativas é o que todas as marcas devem buscar.

Assim como os políticos, as marcas também devem ser carregadas de promessas. Elas significam que haverá um benefício em troca da confiança de ter sido escolhida. É a vantagem obtida pelo consumidor que optou pela marca X e não pela Y no ato da compra.

Entretanto, promessas de-

vem ser cumpridas. Se ao depositar a confiança, o consumidor ou eleitor notar que não foi atendido à contento, sua principal resposta será a de não optar mais por um candidato ou produto/serviço que não honrou com sua palavra. Neste contexto, só prometa o que tem certeza que poderá cumprir.

Em contrapartida, se este ciclo de confiança não for zelado, o benefício principal será a fidelização e, principalmente a propagação de suas benfeitorias. Algo que, infelizmente tem sido cada vez mais raro na política.

Eduardo Przybylski é designer de informação da dBrain, agência especializada em marketing de canais - eduardo@dbrain.com.br / www.dbrain.com.br

Quando menos é mais

eduardo medeiros rubik

Em época de campanha é comum ouvir as pessoas reclamando do horário político obrigatório ou então dos longos debates produzidos pelas redes de televisão aberta. Eu diria o contrário. Estou adorando. Shows de comédia gratuitos e obrigatórios praticamente todos os dias. Tem candidatos de todas as “espécies”. Dos que não sabem o que estão falando aos que não fazem nem idéia do que estão fazendo

naquele local. Onde estamos? Devem dizer alguns no “show do intervalo”.

Brincadeiras a parte, a falta de preparo, dos candidatos que estão tentando uma vaga de gestor público, é tremenda. Fazem promessas sem medir esforços. Dizem que vão melhorar a educação, a saúde, a segurança pública e blá, blá, blá...O que não falam é de onde sairá o dinheiro para tantas obras e melhorias. Qualquer estudante da área de negócios já ouviu falar de restrição orçamentária e escassez de recursos.

No próximo “show de comédia” tente identificar qual candidato é mais realista

Conceitos básicos de Economia que fazem a diferença na gestão de qualquer instituição seja ela pública ou privada. De uma maneira bem simples, para “todos” os candidatos entenderem, podemos dizer que quando falamos em restrição orçamentária e escassez de recursos queremos dizer que dinheiro não cresce em árvores, ou seja, a receita pública tem limite e dentro desse limite precisamos fazer escolhas. Não se podem investir altas somas de recursos em todos os setores. Precisamos, muitas vezes, eleger prioridades. E essas prioridades é que vão fazer a diferença lá na frente, quando nos

“excelentíssimos futuros

gestores” se sentarem nas cadeiras públicas para tomar decisões.

No próximo “show de comédia” tente identificar qual candidato é mais realista. Não se impressione com a quantidade de promessas, mas sim com a qualidade das mesmas. Muitas vezes, contrariando a lógica, menos é mais. Fuja dos candidatos que querem consertar o Brasil em apenas quatro anos. Isso é impossível. No máximo vão começar o processo de melhoria, que ocorrerá no longo prazo. Afinal, está provado que 50 anos não cabem em 5.

Eduardo Medeiros Rubik é economista - eduardo_rubik@yahoo.com

DO LEITOR

editoria@oparana.com.br

Rodovia da morte

Entra governo, sai governo e a BR-277 continua sem duplicação. É uma vergonha. Os pais dos patrulheiros que morreram na manhã desta quarta-feira precisam acionar as autoridades, responsabilizar os irresponsáveis. E aumentarmos a cobrança. Carlos Abreu (Foz do Iguaçu, PR)

Conscientização

Leio na edição desta quinta-feira que 11 focos de incêndio são registrados em média na região Oeste por dia. Nenhum deles é fruto da combustão espontânea. Ou seja, a população precisa tomar mais cuidado. Charles Ludinski (Cascavel, PR)

Prezado leitor, dê sua opinião sobre nossas matérias, com texto de até 300 caracteres, identificação e cidade. A editoria se reserva ao direito de selecionar as opiniões a serem publicadas neste espaço.

bastidores



"Modificar o Código Penal para dobrar a pena do criminoso que aliciar menores".

Do candidato ao Senado, Ricardo Barros (PP)

Destino Iguazu

O novo voo entre Montevidéu/Foz do Iguazu/Montevidéu começa dia 15 de setembro e será operado pela companhia aérea BQB com duas frequências semanais: quartas-feiras e domingos. A aeronave é o turbelhice ATR 72-500 semelhante aos que a Trip utiliza no Brasil, é indicado para aviação regional e tem capacidade para 66 passageiros. O novo voo é bastante significativo para as aspirações do Destino Iguazu, contribuindo para consolidar o fluxo turístico. "É um dos resultados de três anos da estratégia de marketing, que resultou na gestão integrada, que está fortalecendo as estratégias de divulgação e consolidação de novos negócios", conclui o presidente do Iguassu Convention & Visitors Bureau, Camilo Rorato.

Corrida pela vida

Correr 144 quilômetros em dois dias não é para qualquer um. São quase quatro maratonas. O ultramaratonista Robson Douglas, 33 anos, resolveu enfrentar o desafio "Duplicação pela Vida". Ele começa a percorrer hoje, de Foz do Iguazu a Cascavel. O desafio tem como objetivo chamar a atenção das autoridades para a duplicação do trecho de 85 quilômetros da BR-277 entre Medianeira e Cascavel. Douglas conta que a população precisa se unir em torno da causa para evitar acidentes – muitos deles fatais. Esta semana, por exemplo, dois policiais rodoviários federais morreram num acidente em Céu Azul, onde a pista não é duplicada. O atleta fez um treinamento especial nas últimas semanas para enfrentar a corrida.

Palocci vai herdar um cachorro

carlos chagas

Tancredo Neves tomara posse a 15 de março e, mesmo assediado pela imprensa inteira para divulgar seu ministério, mantinha-se irredutível. Anunciaria a equipe de uma vez só, dia 12. Não admitia exceções, mas como os convites vinham sendo feitos, tornava-se impossível evitar as especulações, a maioria delas corretas.

Veio a solução. Instalado na Granja do Riacho Fundo, surpreendeu os jornalistas aparecendo de repente no jardim, pronto para conversar com eles, fato inusitado naqueles dias. Estava tudo armado. Um dos repórteres amigos tinha recebido a instrução de perguntar quem seria o presiden-

te da Petrobrás. Perguntou. Tancredo, fingindo surpresa e irritação, antes de dar as costas ao grupo, exclamou apenas: "perguntem ao dr. Aureliano."

Estava resolvida a questão, afastada a primeira sombra de crise. O presidente eleito não anunciara a nomeação de Aureliano para as Minas e Energia, mas, ao mesmo tempo, deixara óbvia sua escolha. Mais uma jogada de mestre, que comemorou entre sorrisos mineiros...

Por que se conta essa história? Para Dilma Rousseff adquirir jogo de cintura quando indagada pela milésima vez se Antônio Palocci será seu ministro-chefe da Casa Civil. Sempre haverá um jeito de dizer que ele está aprendendo a gostar de cachorros, tanto que vai herdar o

bicho que foi de José Dirceu e era dela até a formalização de sua candidatura...

Não tem limites o galope do cavalo branco da imaginação. Diante da mais do que provável eleição de Dilma Rousseff, já se especula sobre a sucessão de 2014, com as candidaturas do presidente Lula, pelo PT, e Aécio Neves e Geraldo Alckmin, pelo PSDB, além do governador de Pernambuco, Eduardo Campos, pelo PSB. Fica no ar a pergunta: e o PMDB, prestes a confirmar a previsão de que continuará como maior partido nacional, crescendo em número de governadores, senadores e deputados? Parece impossível que essa formidável estrutura partidária abra mão, pela quarta vez, de dispor de

um candidato próprio.

Mas quem? Que nomes poderiam, hoje, apontar como futuros possíveis pretendentes ao palácio do Planalto, já que as legendas concorrentes dispõem de nomes mais do que fortes? Roberto Requião, prestes a voltar ao Senado? Sérgio Cabral, governador reeleito do Rio? Michel Temer, vice de Dilma Rousseff? A safra ainda não foi plantada, fazendo lembrar a colheita que revelou Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, Teotônio Vilela, Orestes Quêrcia, Waldir Pires e outros.

Caso verdadeiras as informações de estarem os tucanos mudando de tática eleitoral para tentar salvar a candidatura José Serra, seria bom que prestassem atenção na cozinha. Na cozinha? Sem dúvida,

porque se os novos planos envolverem críticas ainda mais contundentes a Dilma Rousseff, é bom pensar na massa de bolo, aquela que quanto mais se bate, mais cresce.

Desde o início da campanha que o PSDB enveredou pelo caminho errado. Quando Serra liderava as pesquisas e chegou a ser tido como imbatível por importante diretor de instituto de pesquisa, deixou de definir uma linha coerente. Hesitou entre preservar o presidente Lula ou expor as mazelas do governo. Enfrentar o próprio ou contemporar. Agora, ainda poupeando o criador, pensa em flagelar a criatura. Não vai dar.

Carlos Chagas é jornalista - carloschagas37@uol.com.br

Workaholic - um comportamento compulsivo pelo trabalho

odete f. lodi

No dia 27 de agosto comemoramos o Dia do Psicólogo. Interessante refletirmos sobre esta síndrome – a síndrome do lazer – que envolve muitos profissionais da área da saúde.

Os workaholics são as pessoas que sofrem de dependência do trabalho. O profissional exerce suas atividades em demasia, fazendo do trabalho sua principal razão de viver.

A palavra workaholic é uma expressão americana que teve origem na palavra alcoholic (alcoólatra) e work (trabalho), e foi criada pelo psicólogo Wayne Oates em 1971. Designa profissional literalmente viciado em trabalho. Esta síndrome pode ser considerada um vício: "a pessoa

não sofre, pelo contrário, sente prazer, pois passa parte de seu tempo livre trabalhando. Estima-se que 5% da população economicamente ativa possuem esta síndrome. Comportamentos como: sentir-se culpado quando não está trabalhando, deixar de lado problemas relacionados à família, diminuição da participação em atividades não-profissionais de sua preferência, sinais de fadiga refletidos no humor, stress, alterações do sono, interferindo na qualidade de vida do profissional. Os motivos que levaram ao seu surgimento pode ser explicado pela alta competição sobrecarregando profissionais que buscam se manter no mercado de trabalho. Quer prosperar é positivo, mas quando isso se torna exagero a ambição torna-se uma doença.

Um pouco diferente do conceito de workaholic, foi criado pelo psicólogo organizacional brasileiro Wanderley Codo, o conceito worklover, que define profissionais apaixonados pelo trabalho, mas que impõem limite. O worklover consegue dispensar algum tempo para fazer as coisas de que gosta, para estar com a família ou a praticar os seus hobbies. Procura manter um equilíbrio entre sua vida pessoal e profissional, a busca constante pela auto-motivação, sentindo-se feliz e realizado naquilo que faz. Este argumento nos lembra S.Freud, pai da psicanálise que ao ser perguntado há 100 anos, o que é mais importante na vida, ele respondeu: o amor e o trabalho.

Estudo da Universidade de Goettingen, na Alemanha, revelou que, entre os 32 mil homens

e mulheres pesquisados, mais de 35% deles costumavam usar o trabalho como refúgio para os problemas sexuais. Dados revelaram que aqueles que não mantinham relações sexuais constantes apresentaram indícios ainda mais fortes de vício por trabalho. Fazer sexo no mínimo duas vezes por semana é uma maneira efetiva de evitar que o indivíduo se torne um workaholic.

Pela minha experiência como Consultora em Gestão de Pessoas e em Seleção de Pessoal, percebi que muitas empresas esperam encontrar o tipo workaholic, pela visão da multifuncionalidade, porém, é uma situação que não se mantém em longo prazo. As empresas necessitam ajudar este profissional no seu equilíbrio emocional, na sua autogestão e mudança de atitude,

pois a afirmação: "somos contratados pelo talento e demitidos pelo comportamento", aplica-se muito dentro deste contexto. Por outro lado, o profissional precisa buscar ajuda, pois têm outros papéis a desempenhar como o de pai ou marido e se fazer presente nos momentos que a família mais precisa dele. As pessoas não decorrem dos ciclos da vida vão assumindo papéis típicos de personagens que elas selecionam para si, e buscar a energia, a capacidade necessária para o desempenho desses papéis, faz parte da existência humana.

Odete F. Lodi é pós-graduada em gerenciamento de pessoas, atua em psicologia laboral e Recursos Humanos há mais de 25 anos - odetelodi@hotmail.com